

MESTRADO EM PSICOLOGIA
CLÍNICA E DA SAÚDE

Satisfação Conjugal, Satisfação Sexual e Imagem Corporal em casais – estudo exploratório

Telma Eugénia Alves Gomes

M

2020



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**SATISFAÇÃO CONJUGAL, SATISFAÇÃO SEXUAL E IMAGEM CORPORAL EM
CASAIS - ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Telma Eugénia Alves Gomes
Novembro de 2020

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora
Cidália Duarte (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Resumo

A satisfação conjugal e a satisfação sexual são amplamente estudadas no domínio da conjugalidade. Contudo são escassos os estudos em que se inscreve a imagem corporal ainda que seja notória a pressão exercida em termos socioculturais sobre os indivíduos para atingirem o "corpo ideal". Neste estudo exploratório pretendemos perceber de que forma a imagem corporal se relaciona com a satisfação sexual e conjugal. Para alcançar estes objetivos foi utilizada uma metodologia qualitativa, nomeadamente a entrevista semiestruturada, e foram entrevistados 10 casais, numa relação conjugal, no mínimo há 2 anos. A amostra de participantes compreende os 23 e os 40 anos de idade ($M=31,5$ e $DP= 6,24$). Os resultados evidenciaram que a imagem corporal exerce influência nos indivíduos, não só a nível pessoal, como a nível conjugal, interferindo na sexualidade e na segurança e estabilidade do casal. Do mesmo modo, a sexualidade revelou-se uma área importante nas relações conjugais, contudo não determinante. Verificou-se também que o *feedback* do cônjuge parece ter uma forte influência sobre a imagem corporal dos indivíduos.

Palavras-chave: satisfação conjugal; satisfação sexual; imagem corporal.

Abstract

Marital satisfaction and sexual satisfaction are widely studied in the domain of conjugality. However, there are few studies in which body image is inscribed, although the pressure exerted in sociocultural terms on individuals to achieve the "ideal body" is notorious. In this exploratory study we intend to understand how body image is related to sexual and marital satisfaction. To achieve these objectives, a qualitative methodology was used, namely the semi-structured interview, and 10 couples were interviewed, in a marital relationship, for at least 2 years. The sample of participants comprises 23 and 40 years of age ($M = 31.5$ and $SD = 6.24$). The results showed that body image influences individuals, not only on a personal level, but also on a marital level, interfering with sexuality and the couple's security and stability. Likewise, sexuality has proved to be an important area in marital relationships, however not a determinant one. It was also found that the spouse's feedback seems to have a strong influence on the individuals' body image.

Keywords: marital satisfaction; sexual satisfaction; body image.

Résumé

La satisfaction conjugale et la satisfaction sexuelle sont largement étudiées dans le domaine de la conjugalité. Cependant, il existe peu d'études dans lesquelles l'image corporelle est inscrite, bien que la pression exercée en termes socioculturels sur les individus pour atteindre le «corps idéal» soit notoire. Dans cette étude exploratoire, nous avons l'intention de comprendre comment l'image corporelle est liée à la satisfaction sexuelle et conjugale. Pour atteindre ces objectifs, une méthodologie qualitative a été utilisée, à savoir l'entretien semi-structuré, et 10 couples ont été interrogés, en couple, pendant au moins 2 ans. L'échantillon de participants comprend 23 et 40 ans ($M = 31,5$ et $SD = 6,24$). Les résultats ont montré que l'image corporelle influence les individus, non seulement au niveau personnel, mais également au niveau conjugal, interférant avec la sexualité et la sécurité et la stabilité du couple. De même, la sexualité s'est avérée être un domaine important dans les relations conjugales, mais pas déterminant. Il a également été constaté que la rétroaction du conjoint semble avoir une forte influence sur l'image corporelle des individus.

Mots-clés: satisfaction conjugale; satisfaction sexuelle; l'image corporelle.

Índice

Introdução	1
Capítulo I. Enquadramento Teórico	3
1. Constructos centrais	3
2. Revisão do estado na arte	8
Capítulo II. Estudo Empírico	13
1. Método	13
2. Participantes	13
3. Instrumentos	14
4. Procedimentos	15
5. Apresentação e discussão dos resultados	18
Considerações finais	34
Referências Bibliográficas	36
Anexo I - Guião da Entrevista Semiestruturada	43
Anexo II - Declaração de Consentimento Informado	46

Introdução

Ainda que a família e consequentemente o casal tenham vindo a sofrer várias transformações ao longo das últimas décadas, a literatura continua a destacar os relacionamentos íntimos como dos mais determinantes da vida adulta e com implicações ao nível da saúde física e mental e a nível profissional, tanto em homens como mulheres (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004). Assim, a satisfação conjugal tem sido dos construtos mais estudados neste domínio. Tratando-se de um constructo multifatorial, são imensas as variáveis associadas ao mesmo (Graham, Diebels, & Barnow, 2011). Contudo, algumas são menos estudadas, como é o caso da satisfação sexual (ainda que haja autores como Sprecher (2002) que a considera como um barómetro da qualidade do casamento) e, menos estudada, a imagem corporal surge pontualmente associada à satisfação nas relações de intimidade.

Constituindo-se a sexualidade como uma parte integrante das relações românticas (Butzer & Campbell, 2008), alguns autores têm investigado os fatores e associações determinantes na satisfação sexual, no entanto, esta é uma preocupação relativamente recente na literatura (Rubia, 2011). A satisfação experienciada neste âmbito pode ter repercussões não só na felicidade do casal, mas na felicidade em geral (Neto & Pinto, 2013; Liu, 2018). A satisfação sexual assume-se como um constructo complexo, contemplando aspetos fisiológicos, psicológicos e afetivos que lhe são inerentes (World Health Organization, 2010), sendo também afetada pelo ambiente social e cultural em que indivíduo se insere (Sánchez-Fuentes, Santos-Iglesias & Sierra, 2014).

Por sua vez, a imagem corporal é ainda hoje assumida como algo superficial, uma vez que as pessoas associam estas palavras apenas à aparência e atratividade física. Porém, este conceito vai muito para além daquilo que os olhos vêem, é uma representação mental que as pessoas têm sobre si, moldando os seus sentimentos, crenças, e comportamentos (Garner, 2007). Uma vez que a imagem corporal é também um conceito de carácter psicossocial (Cash & Pruzinsky, 2004), encontrando-se constantemente em (re)construção, e é também influenciada pelas experiências vividas, nomeadamente a nível relacional e social

(Campagna & Souza, 2006) surgiu o interesse em perceber se esta influenciaria a vivência da conjugalidade. Verificamos, ainda, que a maioria da literatura existente na investigação acerca da vivência da imagem corporal na conjugalidade, relaciona-se essencialmente com comportamentos alimentares adotados perante a insatisfação com a mesma, referindo-se, por exemplo, ao impacto de distúrbios alimentares dos elementos do casal, na relação conjugal.

Assim, o primeiro capítulo deste estudo debruça-se sobre o enquadramento teórico, onde são apresentadas breves definições destes constructos e indicados, com base na literatura revista, fatores que podem influenciar a satisfação dos indivíduos relativamente à vivência de cada um seguindo-se da exposição de alguma bibliografia acerca de associações verificadas (ou não) entre os mesmos.

O segundo capítulo refere-se ao estudo empírico onde são apresentados os objetivos específicos deste estudo, a metodologia de investigação adotada, os critérios de inclusão dos participantes, e a descrição dos procedimentos relativos à recolha da amostra, assim como à análise da informação obtida. Nesta secção serão ainda expostos os resultados, recorrendo ao discurso dos participantes. Na medida em que estes resultados são apresentados, é realizada também uma breve discussão dos mesmos, comparando-os com a bibliografia existente no domínio. No final, reserva-se ainda espaço para algumas conclusões e reflexões acerca dos resultados obtidos e das implicações deste estudo, tendo em conta as limitações do mesmo e as suas implicações clínicas.

Capítulo I. Enquadramento Teórico

1. Construtos centrais

Satisfação Conjugal

Na investigação sobre relações amorosas, a satisfação conjugal tem sido um dos construtos mais frequentemente estudados (Graham, Diebels, & Barnow, 2011), assumindo-se como um fator importante para a estabilidade emocional do casal (Heidari, Shahbazi, Ghafourifard, & Sheikhi, 2017; Li & Fung, 2011). Este constructo corresponde à avaliação que cada pessoa faz acerca da sua relação e da qualidade da mesma (Li & Fung, 2011; Norgren et al., 2004). Devido ao seu carácter subjetivo, este é um fenómeno complexo que varia em função das percepções dos elementos da díade (Hernandez & Oliveira, 2003; Norgren et al., 2004). Trata-se de um constructo multifatorial onde estão implícitas variáveis como a afetividade, os padrões de relacionamento, as atribuições e expetativas individuais além de características de personalidade, relações com famílias de origem, amigos, entre outros,... (Graham, Diebels, & Barnow, 2011; Norgren et al., 2004; Scorsolini-Comin & Santos, 2011). Dada a sua complexidade intrínseca e extrínseca, a satisfação conjugal não é um fenómeno estático, sofrendo alterações ao longo do tempo de relação, devido a vários fatores, sendo necessária uma adaptação de ambos os elementos da díade ao longo do percurso da vida relacional co-construído por ambos os cônjuges. São pois imensos os estudos que aprofundam as variáveis que constituem esta vivência desde (Donnellan, Conger & Bryant, 2004; Fallis, Purdon, Rehman, & Woody, 2016) as experiências com a família de origem (uma vez que foi no seio familiar que os indivíduos adquiriram padrões relacionamento com o outro); crenças, regras e modelos de afetividade (Anton, 200; Neto & Carneiro, 2005); a fase do ciclo vital na qual se encontram (Mosmann, Zordan & Wagner, 2011; Sánchez, 2011); os objetivos/metast atingidos como casal (Li & Fung, 2011).

Outros estudos destacam outros aspetos que influenciam a satisfação dos indivíduos na vivência das suas relações amorosas, tais como: a valorização do respeito e companheirismo (Costa, Cenci, & Mosmann, 2016); expetativas criadas

sobre o par amoroso e a relação amorosa (sendo estas criadas também em função da comparação estabelecida com relações amorosas passadas – numa época de relações de (re)casamento) (Costa et al., 2016; Juvva & Bhatti, 2006), a atratividade física e desejo sexual (Garcia & Cano, 2009; Hernandez & Oliveira, 2003); desafios da coabitação, nomeadamente a adaptação ao cônjuge e aos conflitos inerentes à vivência em conjunto (Hohmann-Marriott, 2006); o exercício da parentalidade e todos os desafios que lhe são inerentes, nomeadamente as transformações no casal e restabelecimento de papéis na relação que agora envolve novas responsabilidades e dinâmicas (Ahlborg, Dahlöf, & Hallberg, 2005; Rosen, Bailey, & Muise, 2017); rede social do casal e fatores económicos e políticos (Li & Fung, 2011); respeito pela individualidade de cada um na relação, permitindo espaço a atividades independentes do(a) parceiro(a) (Sánchez, 2011); demonstração de afetos e interesse pelo mundo do outro e promoção de atenção (Gottman & Silver, 2001; Norgren et al., 2004); atividades realizadas em conjunto, de forma a permitir a exploração e partilha do *self* (Aron & Aron, 2008).

Destacaríamos também o papel da comunicação nas relações românticas, nomeadamente a habilidade para uma boa comunicação (Gottman & Silver, 2001; Norgren et al., 2004; Li & Fung, 2011), assim como a capacidade de resolução de conflitos, na medida em que estes são intrínsecos e inevitáveis ao relacionamento humano e, especificamente, às relações de intimidade amorosa em que o conhecimento do outro é profundo. Assim, é natural que as pessoas apresentem divergências nos seus interesses, metas, responsabilidades, opiniões e ideias,... (Jares, 2002). De resto, a gestão da diferenciação e da intimidade é questão central na vivência conjugal (Fonseca & Duarte, 2014; Mosmann & Falcke, 2011). Luz e Mosmann (2018) acrescentam ainda que a comunicação contribui inevitavelmente para estabelecer a funcionalidade do cotidiano na relação conjugal (Anghel, 2016; Heidari et al., 2017).

Satisfação Sexual

Por sua vez, a sexualidade constitui-se como uma parte integrante das relações românticas (Butzer & Campbell, 2008) e um preditor da estabilidade e satisfação nas mesmas (Neto, 2012). Para a Organização Mundial de Saúde “a

sexualidade é uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental” (OMS, 2006).

A vida sexual dos casais é frequentemente avaliada pelo construto de satisfação sexual definido como a avaliação cognitiva e subjetiva que a pessoa faz das dimensões negativas e positivas associadas à sua vida sexual (Lawrance & Byers, 1995, citado em Young et al., 2000; Neto, 2012) parecendo ter repercussões na felicidade do casal (Neto, 2012; Liu, 2018). Alguns estudos atribuem a sexualidade apenas à funcionalidade da vida sexual (Heiman et al., 2011; Monteiro et al., 2016), ao prazer sexual (Pascoal, Narciso & Pereira, 2013) ou à frequência com que os indivíduos têm relações sexuais (Smith et al., 2011). Contudo a satisfação sexual assume-se como um construto de maior complexidade, contemplando aspetos fisiológicos, psicológicos e afetivos que lhe são inerentes (Anderson, 2013; Lima, 2003; World Health Organization, 2010), estando também associada ao ambiente social e cultural em que indivíduo está inserido (Sánchez-Fuentes, Santos-Iglesias & Sierra, 2014). Com efeito, a sexualidade deve ser encarada como uma área complexa da vida humana e que é afetada por diferentes contextos. Por isso, a investigação deste domínio apresenta algumas dificuldades consideráveis...

De acordo com a literatura, são vários os fatores indicados como preditores da satisfação sexual, tais como: frequência sexual (McNulty, Wenner, & Fisher, 2016); desejo sexual (Mark, 2012; Rosan et al., 2017); intimidade física não sexual (Heiman et al., 2011); intimidade emocional (Sánchez et al., 2014); iniciativa sexual do(a) parceiro(a) (Margraf & Velten, 2017); percepção de satisfação sexual do cônjuge (Byers & Macneil, 2006); autoestima (Napoli et al., 1985, citado em Hernandez & Oliveira, 2003). A comunicação tem surgido como um dos principais fatores que influenciam a satisfação sexual, associada a uma abertura e efetiva comunicação destes aspetos no casal, de forma a sentirem-se capazes de expressar os seus desejos sexuais,... (Byers, 2011; Schmiedeberg & Schroder, 2016).

Os problemas de comunicação na relação, por vezes, estão também associados a expectativas irrealistas que podem originar sentimentos negativos (eg., frustração) (Metz & McCarthy, 2007), podendo despoletar conflitos e, consequentemente, diminuição da satisfação, tanto sexual, como conjugal. Desta forma, surge a assertividade sexual como um fator favorável à satisfação sexual, caracterizando-se este conceito pela capacidade, uma vez mais, de comunicação e partilha de sentimentos, desejos, expectativas, crenças de cada um dos elementos do casal, relativamente à sexualidade (Arturo, 2006). Relativamente ao impacto da frequência sexual no bem estar dos indivíduos, Muise (2015) indica que esta deve-se ao facto de que as relações sexuais estão associadas a emoções positivas, e que os casais sentem-se satisfeitos no domínio da sexualidade, quando percebem que a frequência sexual na relação corresponde à média que consideram aceitável, nos casais com *status* e tempo de relação semelhantes aos seus.

Imagem Corporal

A imagem corporal é um conceito multidimensional que engloba auto percepções, crenças e comportamentos a respeito da própria aparência física (Gardner, 2011; Grogan, 2016), moldando, assim, a autoestima dos indivíduos (Amaral, 2015). Sendo um constructo biopsicossocial, a imagem corporal tem vindo a sofrer modificações consideráveis de acordo com a época histórico-social considerada (Cash & Pruzinsky, 2004). Assim, alguns autores afirmam que o desenvolvimento da imagem corporal está intimamente ligado à estruturação da identidade no seio de um grupo social (Tavares, 2003), na medida em que a sociedade cria os seus estereótipos de beleza e contribui, desta forma, para a aceitação e admiração pelo grupo (McCabe & Ricciardelli, 2003; Garner, 2007; Secchi, Camargo, & Bertolo, 2009; Stice & Whitenton, 2002). Parece ainda que os diversos meios sociais exercem sobretudo pressão sobre as mulheres, para corresponderem aos ideais de beleza estabelecidos pelos mesmos (e.g., magreza). Este facto tem sido associado a psicopatologias, principalmente ao aumento de pessoas com distúrbios alimentares (Garner, 2007).

Para além da influência dos media, McCabe e Ricciardelli (2003) referem a influência da família na imagem corporal dos indivíduos, parecendo serem sobretudo as mães enquanto primeiros agentes de socialização das crianças, quem transmite mensagens sobre a aparência (e práticas alimentares) dos filhos. Rodin (1990), citado pelos autores, refere as pessoas cujas mães sofreram distúrbios alimentares, tinham maior probabilidade de experienciar também estes distúrbios e, ainda, que o *feedback* parece ter influência sobre a forma como as pessoas se sentem relativamente à sua imagem corporal. Do mesmo modo, o *feedback* positivo do parceiro romântico está associado a sentimentos positivos relativamente ao corpo (Ackerman, Griskevicius, & Li, 2011; Kwang & Swann, 2010), e a menores preocupações com a imagem (Morrison, Doss, & Perez, 2009). Além disto, as experiências sexuais também revelaram ter influência sobre a imagem corporal, seja no sentido positivo ou negativo. Associada ao envolvimento sexual há estudos que revelam serem as experiências sexuais negativas causadoras de sentimentos negativos em relação ao corpo e, por sua vez, sentimentos negativos em relação ao corpo, diminuem o desejo sexual (Gargner, 2007).

Na medida em que está associada a psicopatologias, a insatisfação com a imagem corporal tem sido recentemente reconhecida como uma preocupação de saúde pública (Swami et al., 2015). A insatisfação corporal corresponde à avaliação negativa que o sujeito tem sobre o próprio corpo, ou atitudes de negação perante o mesmo (Silva et al., 2015). Desta forma, é necessária a promoção de construção de uma imagem corporal positiva que implica a aceitação dos diferentes tipos de corpos, independentemente das suas formas e tamanhos (Cook-Cottone, 2015), estimulando sentimentos positivos no indivíduo em relação ao seu corpo, mesmo quando este não está totalmente satisfeito com o mesmo (Frisén & Holmqvist, 2010).

Terminamos destacando que a imagem corporal é um constructo dinâmico, constantemente em (re)construção, devido às experiências vividas, desenvolvimento e transformações dos indivíduos no seu ciclo de vida (Campagna & Souza, 2006).

2. Revisão do estado na arte

Apesar das inúmeras investigações sobre satisfação conjugal, sexualidade conjugal e ainda que menos, sobre imagem corporal verificamos a quase inexistência de estudos que cruzassem estas três dimensões. Acresce que a maior parte da literatura relativa à imagem corporal, estuda este conceito em indivíduos e não no âmbito da conjugalidade e quando existem estudos, incluem patologias associadas (e.g. distúrbios alimentares em indivíduos que estavam em relações amorosas). Apresentamos, portanto, os encontrados na nossa revisão.

Assim, com o intuito de analisar a associação entre satisfação sexual e conjugal, Sprecher (2002) num estudo com 101 casais heterossexuais, revelou que a satisfação sexual influencia a satisfação e estabilidade da relação em casais, igualmente em ambos os sexos. Assim, participantes que estavam mais satisfeitos a nível sexual, foram os que reportaram maior satisfação na relação além experiências sexuais positivas terem sido associadas ao amor e ao desejo de permanecer na relação.

No mesmo sentido, surgem as conclusões de um estudo com 387 casais, conduzido por Litzinger e Gordon (2005) mas em que emerge a comunicação dentro do casal como um forte mediador dos construtos. Os resultados indicaram que a satisfação sexual revelou ser um forte preditor para a satisfação na relação, tanto para homens como mulheres. Contudo, maior satisfação sexual pareceu diminuir os efeitos da comunicação destrutiva na satisfação conjugal e vice-versa. Isto é, perante dificuldades na comunicação num destes campos, o facto de existir satisfação numa parte, colmatou essa falha, aumentando assim a satisfação na outra. Porém, nas relações onde existia uma boa comunicação na relação, no geral, a satisfação sexual não contribuiu significativamente para a satisfação conjugal, demonstrando que casais que conseguem comunicar, sentem mais satisfação com a relação, desvalorizando a sexualidade.

Na China, Cao ,Zhou, Fine, Li e Fang (2018), uma investigação com uma amostra de 268 casais, verificaram-se associações entre satisfação conjugal e sexual, contudo de forma unidirecional – nos homens, a satisfação sexual influenciou, de forma consistente, a satisfação conjugal; nas mulheres verificou-se o resultado inverso, sendo que a satisfação conjugal foi um preditor da satisfação

sexual, contudo, neste caso, esta associação foi-se desvanecendo ao longo do tempo de relação. Os autores indicam que estes resultados podem ser explicados pelo facto de os homens usarem a qualidade das vivências sexuais experienciadas na relação como um barómetro da qualidade da relação no geral; em contraste, as mulheres sentem maior gratificação nas relações sexuais quando se sentem satisfeitas na relação conjugal. Além disto, a satisfação das mulheres no relacionamento pode desempenhar um papel único na dinâmica sexual no casamento, uma vez que se sentem mais predispostas a envolverem-se em relações sexuais, podendo ainda afetar as experiências sexuais das próprias, como dos cônjuges. Por outro lado, quando as mulheres sentem insatisfação com relacionamento conjugal, sentem menos gratificação sexual, diminuindo, assim a sua satisfação sexual. Esta diminuição, ao ser percebida pelos parceiros, pode resultar em sentimentos de frustração e insatisfação sexual dos mesmos.

Fallis et al. (2016) realizaram um estudo com 117 casais, onde também foi estudada a associação entre os dois conceitos acima referidos. Os resultados apontam a satisfação sexual como preditor da satisfação conjugal para o casal mas mais forte nos homens. Relativamente à relação inversa, a satisfação conjugal não revelou ser um preditor da satisfação sexual e, ainda, foi de notar que a satisfação sexual se manteve estável ao longo do tempo de relação, contrariamente à conjugal que sofreu oscilações, indicando os autores, como principal motivo destas mudanças, as diferenças individuais dos elementos dos casais.

McNulty et al. (2016) procuraram perceber se haveria uma associação bidirecional entre satisfação sexual e conjugal. Para tal, utilizaram uma amostra de 207 casais. Os resultados confirmaram esta bidirecionalidade e a satisfação sexual revelou estar positivamente associada à satisfação na relação, assim como o inverso. No entanto, verificou-se que ambos os tipos de satisfação, em média, pareceram diminuir, ao longo do estudo, principalmente nos casais com menos tempo de relação. Contudo, embora a satisfação conjugal tenha diminuído ao longo do estudo, esses declínios foram silenciados por níveis relativamente mais altos de satisfação sexual. Além disso, embora a satisfação sexual também tenha diminuído ao longo do estudo, em média, esses declínios foram silenciados

por níveis relativamente mais altos de satisfação conjugal, notando-se, uma vez mais a influência de uma variável sobre a outra.

Como referimos inicialmente são escassos os estudos que procuram perceber a influência da imagem corporal na satisfação conjugal e sexual. Lee (2016), numa amostra de 251 casais heterossexuais, pretendeu estudar esta associação nas díades. Os principais resultados indicaram que, a) os elementos dos casais que demonstraram estar mais satisfeitos com a sua aparência, demonstraram maior satisfação conjugal e sexual, assim como os respetivos cônjuges, b) indivíduos que estavam satisfeitos com os seus corpos, eram capazes de perceber a satisfação dos respetivos cônjuges para com os mesmos, independentemente da satisfação real dos parceiros, ou seja, indivíduos satisfeitos com a sua aparência, sentiam que os parceiros amorosos também estavam satisfeitos e sentiam-se atraídos por estes. Para estes resultados, os autores indicaram a possível explicação de que os indivíduos que não se sentiam satisfeitos com a sua aparência, tinham maior probabilidade de evitar relações sexuais com os parceiros, diminuindo, conseqüentemente a satisfação sexual de ambos. Desta forma, devido à correlação positiva verificada entre satisfação sexual e conjugal, a satisfação conjugal de ambos os elementos do casal, também parecia diminuir. Nestes resultados, não se verificaram diferenças de género, sendo que a única foi que as mulheres apresentavam maior insatisfação com os seus corpos.

McNulty e Meltzer (2010) realizaram um estudo cujo objetivo era perceber de que forma a imagem corporal das mulheres influencia o casamento. Nos resultados obtidos, verificaram uma associação positiva entre a atratividade sexual percebida das mulheres e a satisfação conjugal tanto das mesmas, como dos cônjuges. Mais especificamente, (a) casais cujas esposas reportaram maiores níveis de atratividade sexual percebida, reportaram ter mais relações sexuais (b) os cônjuges cuja frequência sexual aumentou, reportaram um aumento da satisfação sexual, e (c) a satisfação sexual estava positivamente associada à satisfação conjugal. Contudo, a percepção da atratividade sexual das mulheres não demonstrou estar relacionada com a satisfação conjugal dos maridos, quando a frequência sexual e a satisfação sexual foram controladas, indicando que esses fatores mediavam totalmente a associação entre ambas.

A satisfação nas relações românticas tem sido, muitas vezes, associada à imagem corporal e a fenómenos alimentares adotados devido à insatisfação com a mesma. Uma investigação realizada por Morrison et al. (2009), que envolveu 88 casais heterossexuais, demonstrou existir uma relação entre preocupações com a alimentação, peso e imagem física e a relação conjugal. No geral, eventos negativos nas relações demonstraram ser preditores de uma diminuição da autoestima nas mulheres. Estes resultados destacam a possibilidade de que a satisfação com jugal dos homens pode ser um fator importante na determinação da trajetória das preocupações das mulheres com a imagem corporal ao longo do tempo, uma vez que os homens, quando satisfeitos nas relações, adotam comportamentos que podem diminuir as preocupações das respetivas parceiras com o próprio corpo. Estes resultados indicaram que um relacionamento saudável pode servir como um fator protetor e prevenir riscos associados a preocupações das mulheres com a sua imagem corporal, surgindo uma maior satisfação com a mesma. Além disso, a satisfação com a aparência do cônjuge e atração pelo mesmo foram associadas a uma maior satisfação sexual e, por sua vez, maior satisfação conjugal, tanto nos homens como mulheres. Outro resultado revela que quando existe uma maior insatisfação e preocupação com o corpo, os indivíduos durante as relações sexuais sentiam-se mais inseguros, revelando, também uma menor satisfação conjugal, ao longo do tempo.

Um estudo realizado por Friedman, Dixon, Brownell, Whisman, e Wilfley (1999), cujo objetivo era analisar se os indivíduos casados apresentam distúrbios de imagem corporal, comparativamente a indivíduos solteiros, e se a qualidade de um relacionamento conjugal está significativamente relacionada à perturbação da imagem corporal, numa amostra de *dieters*. Os resultados obtidos, relacionados com as variáveis que pretendemos analisar (relação entre satisfação conjugal e imagem corporal) indicaram que baixa satisfação conjugal está relacionada com maior insatisfação corporal, em ambos os indivíduos (casados e solteiros). Quando controladas as variáveis IMC, autoestima, idade e género, a relação entre satisfação conjugal e insatisfação corporal também revelou ser significativa. No entanto, este estudo não examina a relação causal entre insatisfação corporal e satisfação conjugal. Contudo, os autores colocam a hipótese de existir mútua influência entre ambas as variáveis e recomendam pesquisas futuras neste

âmbito. Sugerem, assim, que uma imagem corporal negativa pode resultar em dificuldades sexuais ou evitamento de situações sociais, que, por sua vez, podem causar stress no casamento. Por outro lado, sugerem que um pobre funcionamento do casamento pode resultar em sentimentos de desejabilidade para com o indivíduo ou sentimentos de menor atratividade física.

Ainda no âmbito de fenómenos alimentares utilizados como comportamentos adotados perante a insatisfação com a imagem corporal, (p.ex. dietas), Boyes e colegas (2007) analisaram a associação entre prática de dietas saudáveis, dietas não saudáveis e a satisfação conjugal, numa amostra de 57 casais heterossexuais. Verificou-se que a) mulheres com maior insatisfação com o seu corpo, revelaram também menor satisfação com as relações, b) os homens mais satisfeitos com seus relacionamentos tinham parceiras que estavam mais satisfeitas com seus corpos e que faziam menos dietas (saudáveis ou não saudáveis), c) os homens que apresentaram baixa autoestima tiveram parceiras menos satisfeitas com o corpo, d) os parceiros de mulheres que apresentaram maior valor de companheirismo, indicaram sentir maior pressão para manterem ou melhorarem a sua atratividade física.

Capítulo II. Estudo Empírico

1. Método

Percebendo-se a escassez da literatura acerca da relação entre satisfação conjugal, satisfação sexual e imagem corporal na vivência da conjugalidade, surgiu o interesse e necessidade de aprofundar a forma como estes construtos se interligam nas relações românticas.

Desta forma, os principais objetivos deste trabalho são:

- aprofundar que fatores influenciam a percepção de satisfação conjugal, por parte dos elementos que constituem a díade conjugal, e como variam ao longo do tempo da relação e, caso estas se verifiquem, quais os motivos;
- aprofundar como interfere a imagem corporal na relação conjugal;
- aprofundar os fatores que influenciam a satisfação sexual e como interferem na relevância da sexualidade na relação conjugal;

Dada a natureza do objeto de estudo, foi escolhida uma metodologia qualitativa e de carácter exploratório, nomeadamente a entrevista semiestruturada, uma vez que este método permite uma profunda análise das narrativas dos participantes (Côte, Filion, & Fortin, 2009), uma vez que permite aceder aos seus pensamentos, emoções e sentimentos (Patton, 2002). A escolha deste método está também relacionada com o interesse em perceber a dinâmica de casal e a dualidade de respostas, conferindo aos indivíduos a possibilidade de refletir sobre as suas experiências pessoais (Creswell, 2014).

2. Participantes

A seleção dos participantes foi realizada por conveniência, tendo como principais critérios: casais juntos, no mínimo, há 2 anos (marco habitualmente referido pela literatura da especialidade), com idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos, de forma a que a amostra fosse, essencialmente de jovens casais, na tentativa de aceder à geração atual.

A amostra é constituída por 10 casais (N=20), com idades compreendidas entre os 23 e os 40 anos (M=31,5 e DP= 6,24), residentes no Norte do país, 3 dos quais casados. Os participantes apresentam habilitações escolares diversas: 1 participante concluiu o 9º ano, 3 participantes o 12º ano de escolaridade, 1 participante tem o Mestrado, e os restantes detêm Licenciaturas. A durabilidade das relações varia entre os 2 anos e 6 meses de duração e os 16 anos. (Tabela 1)

Tabela 1: Descrição dos participantes

Sexo	Idade	Habilitações	Estado Civil	Tempo de Relação	Códigos
F	26	Licenciatura	Solteiro	6 anos	C1_F
M	28	12º ano	Solteiro	6 anos	C1_M
F	29	Licenciatura	Solteiro	3 anos	C2_F
M	33	Licenciatura	Solteiro	3 anos	C2_M
F	23	Licenciatura	Solteiro	4 anos	C3_F
M	23	Licenciatura	Solteiro	4 anos	C3_M
F	38	Licenciatura	Casado	12 anos	C4_F
M	40	9º ano	Casado	12 anos	C4_M
F	23	Licenciatura	Solteiro	4 anos	C5_F
M	23	Licenciatura	Solteiro	4 anos	C5_M
F	23	12º ano	Solteiro	5 anos	C6_F
M	23	Licenciatura	Solteiro	5 anos	C6_M
F	24	Licenciatura	Solteiro	3 anos	C7_F
M	25	Licenciatura	Solteiro	3 anos	C7_M
F	33	Licenciatura	Casado	12 anos	C8_F
M	32	Licenciatura	Casado	12 anos	C8_M
F	33	Licenciatura	Casado	16 anos	C9_F
M	35	Licenciatura	Casado	16 anos	C9_M
F	25	Licenciatura	Solteiro	2.33 anos	C10_F
M	25	12º ano	Solteiro	2.33 anos	C10_M

3. Instrumento

Segundo Vilelas (2017), o instrumento utilizado para a recolha da informação é utilizado como um meio de alcançar a necessária analogia entre a teoria, revista previamente à investigação, e os factos reais. Assim, foi utilizada a

entrevista semiestruturada, de forma a aceder às narrativas dos participantes com uma maior naturalidade, possibilitando a flexibilidade e liberdade das mesmas (Patton, 2002), e também uma maior flexibilidade de exploração do entrevistador (Fraser & Godim, 2004).

O guião (ver Anexo I), foi previamente elaborado de acordo com os objetivos deste estudo, de forma a aceder às vivências e significados atribuídos aos conceitos que se pretendiam explorar. Posteriormente, este passou por um processo de validação, com o propósito de perceber se os objetivos deste estudo e as perguntas aplicadas na entrevista eram facilmente compreendidos pelos participantes e adequados ao tema (Creswell, 2014). Assim, o guião da entrevista foi analisado por especialistas nas áreas da conjugalidade e imagem corporal e, ainda, por uma colega psicóloga. Depois destes procedimentos, foi também aplicada uma entrevista experimental a um elemento de um casal, de forma a testar e reavaliar as questões, de acordo com a sua pertinência e grau de compreensão, e também com o intuito de receber *feedback* para possíveis melhorias. O *feedback* recebido, inicialmente, apontou a existência de perguntas de resposta fechada, isto é, que iriam propiciar apenas respostas de "sim" ou "não", não estimulando reflexões e explicações do participantes para as mesmas, assim como se verificaram algumas repetições no decorrer das mesmas. Desta forma, o guião da entrevista foi refeito e revisto pelas mesmas pessoas, até chegarmos à versão final, à qual o *feedback* já revelou ser satisfatório.

De um modo geral, a entrevista pode ser dividida em três partes, sendo a primeira referente à percepção que os participantes tinham acerca das suas relações amorosas, expectativas e fatores que sentiam influenciar na satisfação na mesma; a segunda relativa à imagem corporal, nomeadamente a percepção e sentimentos que os entrevistados tinham acerca do seu corpo e possíveis situações nas quais a imagem corporal tenha exercido alguma influência nas relações ou o inverso, incluindo a percepção dos respetivos cônjuges; finalmente, a terceira parte é relativa à vivência da sexualidade nas relações, representações da mesma e fatores que poderiam influenciar a satisfação neste âmbito.

4. Procedimentos

4.1. Recolha da amostra

A procura de participantes para o estudo realizou-se através do método “bola de neve” - a investigadora utilizou a sua rede de contactos informais para conseguir chegar a alguns casais e os mesmos auxiliaram neste processo de aceder a outros participantes cedendo contactos de casais conhecidos, dispostos também a participar no estudo às entrevistas.

Após um primeiro contacto telefónico, foram combinados o dia, hora e local para a realização das entrevistas, sendo que estas foram realizadas em contacto direto com os participantes. Apesar de se tratar de entrevistas a casais, estas foram realizadas individualmente, ou seja, separadamente com cada elemento do casal e em momentos seguidos e separados, não permitindo, assim, a partilha de informação entre ambos, assegurando, desta forma, a não influência das respostas, garantindo também que os indivíduos se sentissem confortáveis e fossem o mais sinceros possíveis. O anonimato das suas respostas foi naturalmente assegurado pela investigadora.

Previamente ao início das entrevistas, as considerações de natureza ética foram tidas em conta: a) foi realizada uma contextualização do estudo, sendo explicados os objetivos do mesmo, b) explicitou-se a importância de obter consentimento informado escrito para utilização da informação, comprovando a vontade de participação no estudo, assim como autorização para a gravação áudio das mesmas (ver Anexo II). De forma a garantir a privacidade e confidencialidade dos participantes, recorreu-se ao anonimato dos mesmos, na apresentação dos resultados. Por este motivo e, de forma a facilitar a menção dos mesmos, cada casal foi numerado de 1 a 10, sendo assim definido como C1, C2, C3, (...), sendo ainda distinguidos os elementos do casal através do sexo, chegando a códigos finais, tais como C1_F, C1_M, por exemplo.

4.2. Análise de conteúdo

Na investigação qualitativa, um dos métodos mais frequentemente utilizados para o tratamento dos dados é a análise de conteúdo que envolve uma componente interpretativa das narrativas dos participantes, permitindo a

realização de deduções lógicas acerca do conteúdo das mesmas (Bardin, 2009; Vilelas, 2017). Este método de tratamento de informação envolveu várias etapas, organizadas da seguinte forma cronológica: pré-análise, através da transcrição na íntegra das entrevistas, com o auxílio das gravações áudio, de forma a organizar os dados e apreender os conteúdos presentes nas narrativas dos participantes; exploração do material, onde os dados brutos das entrevistas passaram por processos de codificação e transformação em categorias e subcategorias (Tabela 2), em função das bases teóricas e objetivos da investigação; tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos mesmos, de forma a ser possível tirar conclusões.

Tabela 2: Sistema de categorias e subcategorias

Categorias	Subcategorias	Significados
Percepção da relação amorosa	Fatores da satisfação conjugal	Fatores que influenciam a satisfação na relação.
	Satisfação Conjugal VS Tempo de Relação	Alterações sentidas na satisfação conjugal, ao longo da relação, até à altura atual.
	Expetativas para a relação	Expetativas criadas inicialmente para relação e comparação com a relação atual.
Imagem Corporal	Importância a nível pessoal	Importância da imagem corporal a nível pessoal.
	Influência da percepção do cônjuge	Influência da percepção do cônjuge na imagem corporal do próprio indivíduo.
	Importância na relação conjugal	Importância da imagem corporal, do próprio e/ou do cônjuge, na relação conjugal.
Sexualidade	Importância na relação conjugal	Importância da sexualidade na relação conjugal.
	Fatores da satisfação sexual	Fatores que influenciam a satisfação na sexualidade.
	Influência da imagem corporal	Influência da imagem corporal, do próprio e/ou do

		cônjuge, na sexualidade.
--	--	--------------------------

5. Apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo, serão apresentados e analisados os resultados de acordo com o sistema de categorias e subcategorias resultantes da exploração do conteúdo das entrevistas, ilustrando, sempre que possível, com excertos das narrativas dos participantes.

5.1. Percepção da relação amorosa

5.1.1. Fatores da satisfação conjugal

Relativamente à satisfação na relação, os participantes partilharam percepções individuais acerca das suas relações, assim como o seu parecer acerca de alguns fatores que julgaram influenciar a (in)satisfação nas suas relações.

A *comunicação* foi mencionada pela generalidade dos participantes como um aspeto fundamental nas suas relações, abrangendo diferentes dimensões como: a) utilizada como *estratégia de resolução de conflitos*, indo de acordo com os autores que referem que a satisfação conjugal não significa ausência de conflitos, mas sim capacidade de resolução dos mesmos de uma forma adaptativa (Mosmann & Falcke, 2011; (Nogren et al., 2004; Li & Fung, 2011; Litzinger, & Gordon, 2005), tendo-se revelado aqui como um aspeto positivo: "Quando alguma coisa me está a chatear, eu digo-lhe e ele diz-me, acho que é isso que nos ajuda a raramente temos discussões" (C3_F); " falamos de tudo abertamente, não temos qualquer problema em dizer ao outro o que é que não gostamos" (C5_F); " Acho que o diálogo é o essencial para se resolver os problemas" (C8_M); " às vezes uma discussão, sem conversar, pode durar semanas, meses, até acabar em divórcio" (C9_M); "É uma das caraterísticas da nossa relação, a comunicação e o facto de conversarmos sobre as coisas que acho que resulta na relação" (C7_F); "Ela muitas vezes sabe chamar-me à

atenção, quando as coisas estão mal, ou quando eu às vezes agi mal" (C2_M); b) utilizada como *estratégia de evitamento de conflitos*, sendo que Luz e Mosmann (2018), nos seus estudos, também encontraram esta estratégia adotada pelos casais participantes, contudo consideram esta atitude como um comportamento que permite a manter as relações, temporariamente, mas em que os problemas continuam presentes e são apenas adiados: "em certas alturas, ele não fala para não abrir discussão, mas depois está lá dentro e se for preciso vai buscar" (C6_F); "Ela explode (...) aguento e prefiro não falar nada" (C6_M); "O J. é uma pessoa que não gosta de arranjar conflitos e às vezes acaba por não se manifestar, para evitar conflitos" (C10_F); c) *falha/falta de comunicação*, associada a um aspeto que influencia negativamente a satisfação na relação, motivando até, por vezes, aparecimento de conflitos: ""às vezes também percebo que quando lhe digo as coisas, não digo da melhor forma" (C5_F); "às vezes expludo um bocado e sei que não tenho a melhor comunicação" (C5_F); "Coisas que não gosto e me chateiam é o feitio explosivo que ela tem, eu já falo de forma mais calma" (C6_M); "às vezes gostava que ele se abrisse mais, também saber o que é que ele pensa para tentar perceber a perspetiva dele" (C10_F) – sendo que estes excertos são também indicadores de que os participantes revelam não conseguir lidar com as emoções de forma adaptativa, acabando por se refletir em comportamentos negativos para com o cônjuge (Anghel, 2016; Heidari et al., 2017), assim como a necessidade de perceber a perspetiva do parceiro e sentir-se compreendido pelo mesmo, este também um aspeto já revelado como um preditor da satisfação conjugal (Hernandez, & Oliveira, 2003).

A *vivência em conjunto* foi também um dos fatores indicados por alguns dos participantes como muito relevante nas suas relações - "viver com alguém é uma coisa que tens de te habituar no dia a dia e é complicado quando estás habituado a viver sozinho" (C8_F). Esta questão surgiu quer como um fator positivo e algo desejado pelos participantes, mas igualmente como uma porta aberta para novos conflitos, sendo este aspeto mencionado por Hohmann (2006) como desestabilizador das relações amorosas, podendo promover insatisfação nas mesmas - "quando as pessoas estão mais tempo juntas, têm tendência a ter mais chatices, também é preciso ir comer fora e dar um passeio, para não cair na monotonia" (C8_M). Alguns casais relataram uma fase de transição quando

decidiram ir viver juntos, tendo, temporariamente coabitado com os pais de um dos elementos do casal, aspeto que C2_M sentiu como positivo "as coisas são muito mais facilitadas, não há despesas, evitam-se discussões porque parece mal haver uma discussão fora do nosso ambiente", contudo realçou o surgimento de "desavenças, por situações de convivência total", assim como C1_F que passou por essa experiência e indicou "estar a viver na casa dos pais dele não foi fácil, mesmo assim conseguimos falar, ter comunicação, porque estar a viver com outras pessoas não é fácil", tendo surgido aqui, uma vez mais, a importância da *comunicação* como essencial para o bem estar da relação (Nogren et al., 2004; Li & Fung, 2011; Litzinger, & Gordon, 2005). C2_F indicou a questão de viver a dois como um desafio "eu acho que nós mulheres não temos de ser escravas de ninguém e ele tem uma mentalidade diferente, ele acha que sim, é uma luta diária", sentindo que não há equidade na tarefas de casa e falta de ajuda do parceiro, o que "provoca algumas discussões em casa" (C2_M), um aspeto também mencionado por Hohmann (2006) como um desafio nas relações conjugais, uma vez que a desigualdade na realização das tarefas doméstica parece ser bastante frequente. Este assunto é igualmente mencionado como C4_M como causador de discórdia entre si e a sua parceira - "começa a reclamar que acabou de limpar alguma coisa e eu já estou a sujar, ou que não faço nada em casa e depois a pessoa discute por isso"; " depois de morar juntos é que isto é uma volta grande, mais pelos aspetos de casa". Por sua vez, para C3_F, este aparenta ser um aspeto positivo para a sua satisfação na relação - "Valorizo muito a ajuda... eu estou em casa a cozinhar, peço ajuda e sei que ele faz, preciso que me ajude sei lá, a pendurar a roupa e coisas assim e ele faz e isso significa muito" -, assim como para C5_F - "o facto de partilharmos uma vida é diferente, temos mais partilha e isso também aumenta a satisfação" - e C7_F - "ganhamos um pouco de independência, o nosso canto, isso é muito especial". Relativamente aos casais que não se encontravam a viver juntos, o facto de não terem um espaço próprio pareceu ser algo que influenciasse negativamente a relação, partilhando essa necessidade e ambição, notando a falta de privacidade e independência - "às vezes podemos ter a relação mais em baixo, porque não temos o nosso espaço" (C1_F); "não termos o nosso espaço, isso interfere bastante, tanto na vida sexual como o quotidiano. Gostava de estar mais tempo com ela, em casa a ver um filme, jantar, chegar do trabalho e estarmos ali os

dois, termos a nossa vida em conjunto" (C6_M); "chegar ao fim do dia e estarmos juntos e depois cada um ter de ir para sua casa já não nos chega, queremos mais" (C10_F). As questões do quotidiano parecem portanto ser determinantes na percepção de satisfação/insatisfação dos casais...

Além disto, os participantes mencionaram ainda a *família de origem*, seja a própria, ou do cônjuge, como um fator interveniente na relação, uma vez que a boa integração da família surgiu como algo positivo e valorizado nas relações, promovendo estabilidade das mesmas e facilitando a vida de casal, assim: - "um fator que ajudou sempre muito foi a integração na família de ambos, faz com que a relação seja mais tranquila e estável" (C7_F); "Ajuda ter uma boa relação com os pais dela" (C10_M) -, assim como um fator negativo e até gerador de conflitos ou pressão sobre o casal - "eu tinha de ir jantar à minha mãe todos os dias, a minha mãe ligava-me a perguntar a que horas saía e isso interferia muito negativamente na nossa relação" (C9_F); "Quando o meu menino nasceu, eu vi a minha casa ser invadida por todos e isso enquanto casal não foi fácil, colocou muita pressão" (C8_F); "A minha mulher nisso é um bocado permissiva (...) aí chocamos um bocadinho, por exemplo, a mãe dela ainda há bocado ligou e estava chateada, porque ligou-me e eu não atendi, houve logo stresses" (C9_M); "a cunhada dele ficou um bocado ciumenta (...) e criava muitos conflitos mesmo com a família dele e isso influenciou (C10_F). Neste sentido, Neto e Carneiro (2005) indicam o distanciamento da família de origem como essencial para a construção e evolução da relação, uma vez que na vivência da conjugalidade, os indivíduos passam a assumir novos papéis e criam uma identidade conjugal, sendo necessário os indivíduos aprenderem a desvincular-se do papel exercido na família, assim como esta respeitar o seu espaço.

Na forma de viver e estar na relação, alguns participantes deste estudo indicaram, ainda, a *afetividade* (ou falta desta) como influenciadora na satisfação conjugal - "ele tem necessidade de muitos carinhos e às vezes até lhe digo para se desviar que já chega, eu já não sou assim tão afetiva" (C4_F); "ele já me chegou a dizer que não estava satisfeito, porque sentia que eu não lhe dava tudo o que eu precisava nesse aspeto, eu sou mais fria" (C6_F); "eu valorizo o facto de ele ser afetuoso" (C6_F). estes excertos estão em consonância com o estudo realizado por Norgren e colaboradores (2004), onde a expressão de afetos foi um

dos principais aspetos associados à percepção de satisfação pelos casais, proporcionando mais coesão e proximidade entre os elementos dos casais.

Momentos de lazer, seja a sós em casal, ou como casal em convivência com amigos, são referidos como um fator importante na relação - "não estamos sempre fechados em casa, há um equilíbrio entre tudo" (C3_M); "é importante convivermos como casal, mas ao mesmo tempo não fazemos os amigos sentirem-se a mais" (C4_F); "gostava que ele tivesse mais iniciativa em criar momentos a dois" (C8_F); "Também é preciso ir comer fora, ou jantar fora, e dar um passeio, para não cair na monotonia" (C8_M); "Ele reserva-se e afasta-se, se lhe disseres olha vamos jantar a casa de X, ele alinha na boa, mas muito esporadicamente, e se calhar faz-me falta isso" (C9_F); "não temos aquela relação de estarmos sempre um com o outro, porque também temos amigos e temos família" (C10_F). Segundo Aron e Aron (2008) a satisfação conjugal está também relacionada com a realização de atividades em conjunto, uma vez que estimula a expansão do *self*, permitindo momentos de autorrevelação e partilha. Contudo, os autores, indicam que estes momentos vão diminuindo ao longo do tempo de relação, podendo ser encarado como um sinal de aborrecimento, de desilusão, de falta de entusiasmo e de dificuldades na relação, afetando, consequentemente, a satisfação conjugal. Este aspeto é notório nos resultados do presente estudo, uma vez que a maior parte dos indivíduos que o referiram correspondem aqueles que pertencem aos casais com relações mais longas desta amostra, nomeadamente C4_F, C8_F, C8_M E C9_F (Tabela 1).

Mencionados ainda por alguns participantes, os *fatores emocionais* revelaram influenciar de forma negativa as relações, tendo sido indicadas questões como a ansiedade, impaciência, frustrações e cansaço devido ao trabalho causadores de instabilidade na relação, uma vez que os indivíduos, não conseguindo gerir as suas emoções de forma adaptativa, acabam por ter comportamentos negativos com os seus parceiros (Anghel, 2016; Heidari et al., 2017) - "há alturas em que andamos mais cansados, a pressão no trabalho também é maior" (C2_F); "ela às vezes é demasiado stressada e ansiosa e isso afeta sempre 1 bocado" (C3_M); "Chegava a casa completamente exausta e frustrada, depois respondia-lhe torto" (C4_F); "quando estou em dias maus, também sei que implico um bocado com tudo" (C5_F); "ela às vezes não está

com paciência e explode" (C6_M). Além destes, *diferenças de personalidade*, apesar de menos referidas, foram também mencionadas pelos participantes, como intervindo nas suas relações (Fallis et al., 2016), sendo que existem diferenças de personalidade que influenciam a forma como os casais interagem entre si (Donnellan et al, 2004) - "ele tem uma personalidade forte e muito impulsiva, portanto, no fundo eu acabei por me adaptar" (C2_F); "Eu sou uma pessoa muito carinhosa, ela não é muito" (C4_M); "somos pessoas diferentes" (C4_F).

Alguns dos entrevistados possuem filhos e apontaram a *parentalidade* como algo que veio alterar as suas relações conjugais - "Agora que temos uma filha, a relação leva ali uma abanão, é quando se põe tudo à prova" (C4_F); "vivemos em prol dela, ficamos completamente anulados" (C4_F); "desde que nasceu a nossa filha, é mais complicado termos momentos os dois" (C4_M); "Termos um filho só nos veio unir mais" (C8_M); "divergências na educação das meninas, geram pequenas discussões" (C9_F); "acho que ele se queixa um pouco da falta de tempo de mim para nós, mas isso também é má gestão da minha parte" (C9_F); "Um casamento com filhos não é fácil, temos de nos ajudar e ter companheirismo" (C9_M); "as filhas não dá muito tempo para estarmos juntos dá um bocado de saudades ao fim de um dia de trabalho" (C9_M). As narrativas ilustradas vão de encontro à literatura que realça as diferenças na dinâmica de casal após a transição para a parentalidade, uma vez que o foco de atenção passa a ser os filhos e as necessidades dos mesmos, reduzindo-se o tempo a sós como casal (Cavanaugh & BlanchardFields, 2015), mudanças nas rotinas, alterações de humor e menor disponibilidade para a intimidade no casal (Lawrence et al., 2009). Estas questões interferem no funcionamento das relações, o que, por sua vez, pode também interferir na satisfação com as mesmas, surgindo a necessidade de adaptação a uma nova realidade, adoção de novos comportamentos, assim como estratégias de resolução de (novos) conflitos (Guttmann & Lazar, 2004).

Por fim, aspetos como respeito, sinceridade, apoio, compreensão e interajuda - "sinto que posso contar com ela para tudo" (C1_M); "sei que se tiver um problema, eu posso contar com ele" (C2_F); "Temos muito respeito e somos muito amigos" (C5_F); "Ela sabe quando eu estou mal e apoia-me em tudo"

(C6_M); "Valorizo a compreensão e a amizade que existe acima de tudo" (C7_F); "A sinceridade, o companheirismo, faz-me sentir segura" (C9_F) foram mencionados como potenciadores da satisfação nas relações, confirmando a literatura que indica que casais satisfeitos têm nas suas relações todos estes aspetos presentes (Norgen et al., 2004) -, assim como o facto de o cônjuge respeitar o espaço e individualidade do outro, também corroborado noutros estudos (Sánchez, 2011) - "damos espaço ao outro, compreendemos o que o outro precisa" (C9_M).

5.1.2. Satisfação conjugal VS Tempo de relação

Procuramos nestas entrevistas explorar as variações sentidas na satisfação conjugal ao longo do tempo da relação. Na literatura é consensual que a satisfação conjugal não é um fenómeno estático, sofrendo alterações ao longo do tempo de relação (Graham et al., 2011) - "acho que nunca gostamos de igual forma da mesma pessoa, eu acho que há uma altura em que gostamos mais e outras menos" (C2_F) -, surgindo nas narrativas, as diferenças das características de personalidade como um fator que propicia uma maior insatisfação (Fallis et al., 2016) - "No início acho que não vemos tanto os defeitos" (C2_F); "Ao início eu gostava do lado brincalhão dele, mas ao longo do tempo isso começou a irritar-me, porque uma pessoa foi crescendo e ganhando maturidade" (C9_F) -, assim como a importância de atingir objetivos/metast em conjunto na relação, aspeto este indicado por Lee e Fung (2011) como importante no desenvolvimento da relação - "vai alterando positivamente, no sentido que estamos a atingir metas juntos" (C3_F); "Fomos começando a partilhar os mesmos objetivos de vida" (C10_F). Parece que estes objetivos vão também sofrendo alterações de acordo com as transições de vida, ao longo da vida adulta, e as mudanças na dinâmica da relação - "No início temos aquela chama, aquelas borboletas, e isso vai, só que depois acaba e vem o companheirismo" (C4_F); "Conforme vamos crescendo, a relação também vai amadurecendo" (C4_F) - e nota-se ainda que ao longo destas transições, acontece o amadurecimento das perceções, necessidades, expectativas nas relações (Costa, Cenci, & Mosmann, 2016; Mosmann, Zordan & Wagner, 2011) - "Ao longo do tempo a pessoa foi adquirindo

tudo, a base para tudo, a confiança, o amor, foi gostando cada vez mais um do outro" (C4_M); "Ao longo da relação eu comecei a pensar mais no lado dele, não só no meu" (C7_F); "Hoje percebo que se ele está comigo é porque gosta de mim, e se calhar nesses aspetos das inseguranças e tudo, se calhar deixei de valorizar tanto" (C7_F); "No pós parto, eu fiquei muito desiludida com o facto de ele não ver aquilo que eu precisava, assim como eu vejo aquilo que ele precisa" (C_8F); "Eu comecei a valorizar mais a questão de ela também olhar por ela e não pensar só em mim" (C8_M).

5.1.3. Expetativas para a relação

As expetativas são um aspeto que influencia a forma como as pessoas se sentem nas suas relações, uma vez que moldam as suas perceções e crenças relativas às mesmas, de acordo com a conceção de relação idealizada, influenciando inevitavelmente a satisfação nas mesmas, principalmente quando as ideias concetualizadas não correspondem à realidade (Costa et al., 2016; Juvva & Bathi, 2006). Contudo, de um modo geral as relações dos participantes parecem corresponder às expetativas que tinham para elas ou até superaram o que o participantes imaginavam para as mesmas - "começamos mesmo numa de experimentar e depois foi evoluindo e superou as expetativas" (C1_F); "Esperava uma relação estável, sem grandes chatices, sem ter que me stressar constantemente, porque já tive isso noutras relações" (C3_F); "Corresponde às expetativas, todos os dias me surpreende cada vez mais" (C7_F); "Corresponde, porque esperava uma boa companheira, alguém que fosse uma boa mãe e que me compreendesse, que me desse liberdade" (C9_M); "Não tinha grandes expetativas devido a más experiências que tive antes" (C4_F); "A minha 1ª relação foi mesmo muito má e nunca pensei voltar a abrir-me com alguém" (C9_F): Deste modo, estas expetativas parecem também ter sido superadas devido às más experiências que os participantes tiveram no passado, sendo inevitável e, por vezes, inconsciente, as comparações que as pessoas fazem das suas relações atuais com as anteriores (Hall, 2006).

Em contrapartida, existiram participantes que sentiram que em alguns momentos ou aspetos da relação, as expetativas tivessem sido defraudadas,

nomeadamente as expetativas relativas ao par amoroso, aspeto este também mencionado por Juvva e Bathi (2006), uma vez que os indivíduos tendem a concetualizar o "parceiro ideal" ou a sobrevalorizar os mesmos, sendo que, perante maior a convivência com os mesmos, esta sobrevalorização é contrastada com a realidade - "Devido à personalidade dele, esperava ter uma pessoa *super* bem disposta quando eu chegasse a casa depois do meu dia ter corrido mal, mas não é bem assim" (C2_F); "sempre a vi como uma pessoa muito ambiciosa, que fosse lutar por objetivos muito mais altos que aqueles que tem e acomodou-se" (C2_M); "às vezes defraudamos as expetativas do outro, porque estamos mais cansados ou mais em baixo" (C8_M); "Pensava que ele fosse ajudar um bocadinho mais em casa" (C9_F).

6. Imagem corporal

6.1. Importância a nível pessoal

Antes de explorar a imagem corporal nas relações conjugais, foi abordada a forma como os participantes se sentiam em relação à sua imagem: "nunca me senti muito segura em relação ao meu corpo, nunca, desde miúda" (C2_F); "Podia engordar mais um bocadinho, mas sinto-me bem" (C3_M); "Eu já costumo dizer, já não tenho 20 e tal anos, quando tinha é que andava bem" (C4_M); "Eu depois da gravidez andei um bocado mais em baixo, mas nunca me fechei do mundo" (C4_F); "Eu nunca fui muito segura comigo, acho que sempre desde pequena tive um bocadinho de complexos" (C5_F); "Há dias que eu sinto-me bem, gosto do que vejo, outros dias não, ponho defeitos em tudo (...) é um fator muito determinante em mim " (C7_F); "Após a maternidade corpo fica diferente (...) eu para me sentir bem, tenho de sentir que estou bonita" (C9_F); "Claro que dou importância, tento sentir-me bem comigo mesmo, é sempre bom" (C10_M).

No geral, nota-se que os participantes não estão absolutamente satisfeitos com as suas características físicas, apontando aspetos que gostariam de mudar. Contudo, verifica-se que isto acontece, sobretudo no discurso das mulheres, podendo este facto ser explicado pela pressão sociocultural que existe sobre as mesmas e que é comparativamente ao sentido pelos homens (McCabe &

Ricciardelli, 2003; Garner, 2007; Secchi et al., 2009). As mulheres não vendo os seus corpos corresponderem ao estereótipo de beleza, idealizado pela sociedade, desenvolvem sentimentos negativos sobre os mesmos, podendo influenciar a sua autoestima. Além disto, crescem-se os fatores biológicos inerentes ao sexo feminino, incluindo as mudanças relativas à maternidade. Ainda relativamente à estrutura sociológica deste conceito, denota-se que a percepção que os indivíduos têm acerca da sua imagem, é influenciada na sua relação com os outros, seja, por exemplo, através de comparações - "Eu não me sinto insegura, até porque se for à praia ou assim e fizer o que todas fazemos, que é olhar, e no fundo todas temos aquela tendência de comparar, às vezes até me faz sentir melhor" (C6_F) -, assim como pelas experiências emocionais vivenciadas nas relações com os outros - "Eu engordei muito por problemas de saúde e isso mexeu um bocadinho (...) toda a gente perguntava se eu estava grávida" (C8_F) (Camargo & Bertolo, 2009).

6.1.1. Influência da percepção do cônjuge

No decorrer do discurso dos entrevistados, de um modo geral, notou-se algum impacto dos respetivos parceiros amorosos, na forma como os indivíduos se sentiam consigo próprios: "ouvir que estamos bonitas ou que estamos bem, ou assim, ajuda sempre a ficar com mais autoestima" (C1_F); "No início, o facto de ele gostar do meu aspeto físico, tornava-me mais confiante" (C2_F); "Quando ele dá aquelas palavras 'és bonita' e assim, claro que me ajuda um bocado na minha auto estima" (C3_F); "Se eu me baseasse naquilo que eu penso e vejo em mim, eu não saía de casa, e como ele me diz que estou bonita, fico logo para cima" (C4_F); "Eu não me sinto muito bem, mas ele acha que eu estou muito bem e que estou ótima, portanto nesse sentido ele ajuda-me muito" (C5_F); "apesar dos complexos que tenho, ele sente sempre atração e demonstra sempre isso, por isso é sempre bom que isso aconteça" (C5_F); "já melhorei bastante desde que estou com ele, porque ele alterou a minha auto estima e a minha insegurança" (C7_F); "Se ela achar que não estou muito bem fisicamente, vai-me influenciar claro, vou sentir que vou precisar de melhorar" (C7_M); "Houve uma altura que ela disse mesmo 'estás a ficar mesmo gordo' e isso tocou e mudei logo" (C9_M). A opinião oferecida pelos parceiros amorosos é, então, um aspeto que influencia

a forma como os indivíduos se sentem relativamente à sua imagem, de novo verificado principalmente no discurso das mulheres, possivelmente também porque foram quem demonstrou mais sentimentos negativos neste âmbito. Esta constatação é consonante com a literatura já que o *feedback* do cônjuge parece interferir na satisfação com a imagem corporal do próprio indivíduo (Ackerman et al., 2011; Kwang & Swann, 2010).

6.2. Importância na relação conjugal

No que concerne ao impacto que a imagem corporal tem nas relações conjugais constatamos excertos como os seguintes: "Acho que, no início, isso sim foi um fator importante" (C2_F); "Tu ficas atraída por uma pessoa também pelo físico e, se calhar, foi assim que começou" (C3_F); "temos de nos sentir bem em relação a isso e ter atração física" (C3_M); "Eu acho-a bonita, se não achasse, se calhar no início não tinha interesse por ela" (C5_M); "é o nosso passaporte, é a nossa imagem e isso é que atrai até que as relações comecem a existir" (C7_F) - revelando a importância da imagem corporal sobre o sentimento de atração para com a outra pessoa (Morrison et al., 2009), assim como a importância da atratividade percebido dos participantes de parte dos cônjuges (McNulty & Meltzer, 2010) - "Não acredito que ele estivesse comigo se ele não gostasse do meu aspeto físico" (C2_F) - ambas consideradas pelos autores como fatores influentes na satisfação conjugal.

Para além desta concordância relativamente à importância da imagem corporal no primeiro contacto, alguns participantes assumiram este fator como relevante nas relações amorosas atuais, concordando, uma vez mais com a associação positiva entre imagem corporal e satisfação conjugal - "Temos de estar felizes em todos os aspetos" (C1_F); "Se eu deixasse de a achar bonita, já não seria a mesma coisa" (C5_M). Porém, opondo-se à literatura, a imagem corporal, foi indicada por outros participantes, como algo insignificante nas suas relações - "Já não conta muito o corpo, porque a relação depois começa a basear-se noutras coisas" (C4_M); "Enquanto relação não me preocupa, porque eu sei perfeitamente que gostamos um do outro assim e ele demonstra sempre isso" (C5_F); "Já estive com ela em várias fases, quando estava mais gordinha,

mais magrinha, e não é por aí" (C6_M); "Não é o corpo que segura, é o psicológico, é a mentalidade, é a maneira de ser" (C7_F); "entretanto engordou um bocado e eu nunca passei a gostar mais ou menos dela" (C8_M); "Nunca interferiu na nossa relação" (C10_M). Além disto, a imagem revelou ter influência negativa em alguns casos - "No início, tinha um bocado de receio de tirar a roupa e isso mexia com a relação" (C5_F); "ela às vezes sente-se mais insegura e diz ter medo que, por essa razão, eu a deixe" (C7_M); "Acho que fujo um bocadinho dele por vergonha" (C9_F). De alguma forma há excertos concordantes com os estudos que falam das inseguranças com o próprio corpo e que originam situações de evitamento do cônjuge (Friedman et al, 1999).

7. Sexualidade

7.1. Importância na relação conjugal

A sexualidade é considerada pelos participantes como um "complemento da relação" (C10_M) e promotora da "estabilidade emocional" (C9_F) da relação, resultados adquiridos também no estudos levados a cabo por alguns autores (Impett, Muise, & Schimmack, 2016; Sprecher, 2002), em que casais mais satisfeitos revelaram mais estabilidade na relação, assim como maior desejo de permanência na mesma, sendo, então, percebida pelos participantes como um momento de união - "Tem de fazer parte, porque eu acho que é uma forma também de criar laços, de fortalecer a relação" (C4_F); "É nesse momento que sou só eu e ele, só nós" (C6_F); "é um momento de entrega em que a pessoa percebe que ainda existe ali um sentimento muito forte" (C7_F); "é um dos fatores que nos faz consolidar aquilo que gostamos um no outro" (C8_F); "Quanto mais próximos estamos a nível sexual, mais unidos estamos nas outras coisas." (C9_F); "Faz as coisas funcionar, faz sermos mais companheiros" (C9_M).

Por sua vez, o testemunho de outros participantes revelaram que a sexualidade "foi diminuindo a importância" (C4_M) ao longo do tempo de relação - "Acho que no início teve mais importância, mas claro que é sempre bom quando acontece" (C6_F); "É algo importante, mas eu acho que numa fase inicial, depois começamos a ligar mais a outras coisas, como pequenos momentos juntos"

(C6_M) - concordando com alguns autores que destacam este declínio na satisfação sexual ao longo das relações (Liu, 2018; McNulty et al., 2016; Sprecher, 2002). Relativamente a este decréscimo, são ainda referenciados a diminuição do desejo sexual, no decorrer das relações, assim como o facto de a sexualidade estar associada à paixão que está mais presente no início das relações, desvanecendo-se com o passar do tempo, e consequentemente a satisfação sexual também (Bratslavsky, 1999, citado em McNulty et al., 2016).

Contudo, alguns dos elementos, apesar de assumirem a importância desta variável para o bem estar das relações, concordam que se não houver relações sexuais frequentes, isto não será constituído como um problema - "Se houver uma semana ou duas em que não haja sexo, não é por causa disso que vamos acabar o nosso relacionamento" (C2_M); "se a atividade sexual não é tão regular, até porque não temos tanto tempo para estar juntos, então a pessoa cria outras coisas que nos satisfaz" (C6_M); "Se estivéssemos de estar, por exemplo por algum problema de saúde ou assim, um mês sem qualquer tipo de relação, não nos ia prejudicar" (C7_F). Já para C8_M, a ausência de relações sexuais significa que "algo não está bem" na relação, contrariando os estudos que indicam a frequência sexual ser um preditor fundamental da satisfação sexual (Cao et al., 2018; Fallis et al., 2016; Litzinger & Gordon, 2005; Liu, 2018; Schmiedeberg & Schroder, 2016). Além disto, a sexualidade foi um fator apontado de maior importância para os homens, sendo a satisfação sexual um preditor da satisfação conjugal (Cao et al., 2018) - "Eu sou um pouco mais emocional e ele pronto, é homem, liga muito ao sexo"(C3_F); "Todas as mulheres dão menos importância" (C4_M); "os homens têm mais apetite, são mais predispostos" (C4_F); "ele tem mais necessidade, eu às vezes preciso só de estar deitada com ele ao pé de mim, mas ele às vezes precisa mais que isso" (C5_F); "As mulheres, por norma, valorizam, mas é quase uma necessidade intrínseca que o homem tem e a mulher consegue viver sem" (C6_F); "Para mim isso é importante, para ela é menos importante do que para mim" (C8_M).

7.2. Satisfação sexual

No campo da sexualidade, a *comunicação* revelou ser também um aspeto fundamental, mencionada pela questão de ser preciso conhecer o outro, e formas de fazer o(a) parceiro(a) sentir-se confortável e terem prazer - "é importante comunicar se houver alguma coisa que nos deixe desconfortável ou alguma coisa que a outra pessoas quer " (C2_F); "Dizemos o que queremos, o que gostamos, o que não gostamos " (C2_M); "Conhecer o outro, saber quando se sente mais confortável, quando não se sente" (C3_M"; "tem de se conversar, tem de haver essa abertura para podermos estar bem os dois, e termos prazer juntos" (C7_F); "é importante transmitir também o que podemos estar a fazer melhor ou pior " (C8_M). Estes relatos confirmam a importância que a comunicação tem na satisfação sexual, associada à partilha de preocupações, abertura existente de forma a sentirem-se capazes de expressar os seus desejos sexuais e sentimentos (Byers, 2011). C4_F considera ainda importante conversar com o parceiro quando não há tanta disponibilidade para a relação sexual, partilhando o que sente - "Se houver essa comunicação, o homem compreende, se não houver, vai procurar fora" - de forma a não criar distanciamento ou mal entendidos entre os dois, indo de acordo com o discurso de C10_F - "Se não quero estar com ele por algum motivo em específico devo dizer, para que também não fique a pensar outras coisas". Assim, esta comunicação verdadeira permite perceber os motivos desta menos disponibilidade, de forma a não originar suposições e crenças erradas de parte do cônjuge, além de que estilos de comunicação negativos, promovem uma maior insatisfação na relação (Schmiedeberg & Schroder, 2016).

Os fatores emocionais emergiram também como determinantes na vivência da sexualidade na relação. Referimo-nos a fatores como cansaço e problemas externos ou preocupações do quotidiano, causando instabilidade emocional e menos predisposição sexual - "Nos dias que ela anda mais stressada, ela nunca tem vontade, isso é normal e se eu estiver com mais problemas, também não tenho tanta vontade" (C3_M); "teres um homem que não quer saber do teu dia nem nada e simplesmente quer ir para o quarto e ter sexo, versus alguém que se preocupa com o teu dia, te convida para passear, lancha" (C3_F); "Se estiver mais cabisbaixa ou preocupada, nada funciona, pelo menos connosco" (C4_F); "Às vezes estamos muito cansados ou com problemas no trabalho e sem cabeça para isso" (C5_F); "estado de espírito, os fatores externos

porque eu posso estar mal disposta" (C6_F); "Há dias em que não há tanto apetite sexual ou vontade, predisposição, porque existe o cansaço ou algum problema" (C7_F) - realçando o facto de que a sexualidade é um conceito vivenciado a nível psicológico e afetivo, não se resumindo aos mecanismos estritamente fisiológicos (Anderson, 2013), afetando, por sua vez, o desejo sexual (Rosan et al., 2018).

Além disto, o facto de o cônjuge não tomar iniciativa demonstrou ser um aspeto negativo para os participantes: - "o facto de ele se isolar tanto e ser quase preciso pedir por favor para ele vir para minha beira" (C8_F); "Às vezes se calhar preferia que tomasse ela a iniciativa, talvez me sentisse mais valorizado" (C8_M). Esta questão é mencionada num estudo realizado por Velten e Margraf (2017), com casais, cujos resultados indicaram que a iniciativa do ato sexual por parte do cônjuge contribuía para a satisfação sexual na relação, aumentando inclusive o desejo sexual.

Os casais que possuem filhos mencionaram também a influência da *parentalidade*, referindo que, desde que tiveram filhos, se tornou mais complicado conseguirem usufruir de momentos a sós, assim como o cansaço acrescido depois de serem pais - "depois de ser mãe ainda é mais complicado, porque estamos mais exaustas" (C4_F); "é uma sorte quando a minha filha não aparece" (C4_F); "As coisas são feitas a correr, já não é como antes" (C4_M); "A partir da 2ª filha parece que fazem de propósito, vêm à vez" (C9_M). Com efeito, após o nascimento dos filhos, os pais assumem novas responsabilidades, passam a viver muito em função dos filhos e das necessidades dos mesmos, passando a ter menos tempo disponível para os dois como casal (Ahlborg et al., 2005). E ainda com alterações ao nível da sexualidade - C8_M "Sinto que ela depois de ser mãe, a minha esposa perdeu muito o apetite sexual" (C8_M)", fenómeno este que pode ser explicado pelo cansaço anteriormente referido pelos mesmos autores. Por sua vez, Rosan et al. (2017) verificaram também a discrepância de desejo sexual entre os elementos do casal como um preditor da insatisfação sexual na relação.

7.3. Influência da imagem corporal na sexualidade.

De uma forma geral, a aceitação com a imagem corporal, principalmente da pessoa relativamente a si própria, revelou ter algum impacto na forma como a sexualidade é vivida. A maioria dos relatos refere-se a situações passadas e não maioritariamente à forma como este aspeto é vivido atualmente - "o facto de ela não se sentir bem com o corpo dela faz com que não se liberte tanto quanto devia, quanto podia, acho eu" (C3_M); "Houve uma altura que aconteceu ela não se querer despir por se sentir insegura (...) foi uma coisa que se falou e foi resolvido no momento (C6_M); "Houve uma fase em que como eu não me sentia bem comigo, acabava por o evitar um bocado a ele, porque achava que estava mais pesada, que estava mais feia" (C8_F); "Apagava a luz, havia fases em que nem sequer me despia à frente dele (...) não me deixava relaxar o suficiente durante a relação, por exemplo, para atingir o orgasmo" (C9_f). C2_F, apesar de assumir este não ser algo que interfira na sua sexualidade pela negativa, assume hipoteticamente "se eu achasse que ele não se sentia atraído por mim, provavelmente não me sentia à vontade em ter relações com ele".

Por sua vez, algumas das respostas revelaram que o facto de sentirem que o parceiro os(as) deseja, interfere na apreciação/aceitação do seu corpo de forma positiva - "A partir do momento em que ele demonstra interesse e demonstra que gosta positivamente, faz-me estar mais à vontade e mais solta" (C3_F); "Se sentirmos que a pessoa nos deseja, sentimo-nos sempre melhor na relação" (C10_F); "Tanto de uma parte como outra, sempre nos sentimos muito à vontade um com o outro e que o outro gosta" (C10_M).

Por outro lado, esta questão, parece não ter qualquer influência, seja ela positiva ou negativa - "Houve mudanças da imagem corporal ao longo dos anos, mas nunca influenciou a esse nível" (C_5M); "É um fase que eu confesso, esqueço tudo isso, os meus fantasmas ficam para trás completo, nesses momentos há entrega mesmo" (C7_F).

Considerações finais

Os resultados deste estudo exploratório confirmam a complexidade da vivência das relações conjugais. Com efeito, satisfação conjugal, sexualidade e imagem corporal são construtos teóricos mas que possuem expressão na vida dos casais e que se afetam reciprocamente. E que não se esgotam em si mesmos. Com efeito, fica claro do discurso dos participantes que estes construtos estão relacionados transversalmente pela comunicação, pela gestão dos conflitos, pelo exercício da parentalidade, pela gestão do espaço do casal com os restantes elementos da família,...pela personalidade dos conjugues, entre outros.

Especificamente no que concerne à imagem corporal, percebemos que tem influência não só a nível pessoal, como a nível conjugal, que interfere na sexualidade e na segurança e estabilidade do casal mas não a determina exclusivamente – existe efetivamente uma corporalidade das relações mas em si mesma ela não define as relações e, ao longo do tempo e percursos das pessoas e do casal, as mudanças ocorridas não são impeditivas da continuidade da relação, nem da satisfação sentida com a relação. Ainda assim, podemos constatar que parece ser nas mulheres que a questão da imagem corporal mais pesa...

Do mesmo modo, a sexualidade revelou-se uma área importante mas não a única a ser determinante na perceção de satisfação conjugal por parte dos participantes. Parece que todas estas dimensões são fortemente influenciadas pelas questões afetivas e emocionais. Porventura teremos feito entrevistas a casais apaixonados...

O interesse particular nas relações amorosas levou-me a querer aprofundar algumas das dimensões que lhe são inerentes, contudo, a escassez de literatura que cruzasse os constructos centrais deste trabalho, constituíram uma limitação à prossecução do mesmo. Ainda assim, das entrevistas emergem resultados que são parcialmente corroborados por muitos estudos neste domínio.

Considero que as entrevistas foram particularmente ricas no sentido em que os participantes falaram genuinamente de áreas da sua intimidade. Ainda

assim, como uma dificuldade deste estudo, realço alguma rigidez na forma como apliquei as entrevistas, pois notei que a excessiva preocupação em seguir o guião em ordem a não esquecer nenhuma pergunta, resultou em que, em determinados momentos, não tenha aprofundado alguns aspetos do discurso dos participantes que poderiam ter sido enriquecedores e trazer mais resultados. Contudo, no processo de transcrição das entrevistas fui-me apercebendo desta pouca flexibilidade e, nas últimas entrevistas realizadas, senti que consegui melhorar essa questão, dando mais liberdade ao discurso dos participantes, permitindo-me seguir mais a sua linha de pensamento e não me preocupando com a estrutura preconcebida para a entrevista.

Ainda sobre o processo da entrevista, de modo geral, foi notório um maior conforto por parte das mulheres a abordar estas temáticas. Mas terei também eu estado mais à vontade com os participantes do sexo feminino? Ou as mulheres estão também mais disponíveis para abordar estes aspetos de foro íntimo?

Além disto, notei ainda por parte dos participantes um maior conforto em falar de satisfação conjugal, comparativamente a falar de satisfação sexual e de imagem corporal. Relativamente à imagem corporal, pareceu-me inclusivamente que as pessoas nunca refletiram de uma forma mais aprofundada sobre este tema, principalmente dentro da conjugalidade.

Finalmente, este estudo foi meramente exploratório (realizado com apenas dez casais) e, naturalmente, parece-nos fundamental investir nesta área de investigação para melhor compreender como a imagem corporal se inscreve na vivência das relações de intimidade amorosa, não apenas ao nível da sexualidade do casal mas no plano da sua satisfação global e, ainda, para aprofundar os processos pelos quais se poderá trabalhar junto das pessoas em ordem a contribuir para a elaboração de uma imagem corporal positiva.

Referências Bibliográficas

- Ackerman, J. M., Griskevicius, V., & Li, N. P. (2011). Let's get serious: Communicating commitment in romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 100(6), 1079–1094. <http://doi.org/1037/a0022412>
- Ahlborg, T., Dahlöf, L.G., & Hallberg, L. R.M. (2005). Quality of the intimate and sexual relationship in first-time parents six months after delivery. *Journal of Sex Research*, 42, 167–174. <http://doi.org/10.1080/00224490509552270>
- Amaral, A. C. (2015). *Imagem Corporal de adolescentes: descrição e intervenção preventiva em âmbito escolar* (Dissertação de Doutorado, Universidade Federal de Juiz de Fora). Retrieved from <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/handle/ufjf/1544>
- Anderson, R. M. (2013). Positive sexuality and its impact on overall well-being. *Guttmacher Institute*, 56(2), 208–214. <http://doi.org/10.1007/s00103-012-1607-z>
- Andrade, A. L., Cano, D. S., & Garcia, A. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 143-156. Retrieved from <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v11n3/v11n3a12.pdf>
- Anghel, T. C. (2016). Emotional intelligence and marital satisfaction. *Journal of Experiential Psychotherapy*, 19(3), 14-9. Retrieved from http://jep.ro/images/pdf/cuprins_reviste/75_art_3.pdf
- Anton, I. (2000). *A escolha do cônjuge: Um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artmed.
- Aron, A. & Aron, E. N. (2008). Romantic Relationships from the Perspectives of Self-Expansion Model and Attachment Theory: Partially Overlapping Circles. In Mikulincer, M. & Goodman, G. S. (Eds), *Dynamics of Romantic Love: Attachment, Caregiving and Sex*. New York: Guilford Press.
- Arturo, H. (2006). *Estudio de correlación entre satisfacción sexual y asertividad sexual*. *Archivos Hispanoamericanos de Sexologia*, 12 (2), 119-216.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Boyes, A. D., Fletcher, G. J. O., & Latner, J. D. (2007). Male and female body image and dieting in the context of intimate relationships. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 764–768. <http://doi.org/10.1037/0893-3200.21.4.764>

- Brownell, K. D., Dixon, A. E., Friedman, M. A., Whisman, M. A., & Wilfley, D. E. (1999). Marital status, marital satisfaction, and body image dissatisfaction. *International Journal of Eating Disorders*, 26(1), 81-85. [http://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-108X\(199907\)26:1<81:AIDEAT10>3.0.CO;2-V](http://doi.org/10.1002/(SICI)1098-108X(199907)26:1<81:AIDEAT10>3.0.CO;2-V)
- Butzer, B., & Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A study of married couples. *Personal Relationships*, 15(1), 141-154. <http://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2007.00189.x>
- Byers, E. S. (2011). Beyond the birds and the bees and was it good for you: Thirty years of research on sexual communication. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 52(1), 20-28. <http://doi.org/10.1037/a0022048>
- Byers, E. S., & Macneil, S. (2006). Further Validation of the Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 32(1), 53-69. <https://doi.org/10.1080/00926230500232917>
- Campagna, V. N., & Souza, A. S. L. de. (2006). Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. *Boletim de Psicologia*, 56(124), 9-35.
- Cao, H., Fang, X., Fine, M. A., Li, X., & Zhou, N. (2019). Sexual satisfaction and marital satisfaction during the early years of chinese marriage: A three-wave, cross-lagged, actor-partner interdependence model. *The Journal of Sex Research*, 56(3), 391-407. doi:10.1080/00224499.2018.1463503.
- Cash, T. F., & Pruzinsky, T. (2004). *Body image: A handbook of theory, research, and clinical practice*. The Guilford Press.
- Cook-Cottone, C. P. (2015). Incorporating positive body image into the treatment of eating disorders: A model for attunement and mindful self-care. *Body Image*, 14, 158-67. <http://doi.org/10.1016/j.bodyim.2015.03.004>
- Costa, C. B. D., Cenci, C. M. B., & Mosmann, C. P. (2016). Conflito conjugal e estratégias de resolução: Uma revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 24(1), 325-338.
- Côte, J., Fillion, F., & Fortin, M. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta.
- Creswell, J. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens* (3ª ed). Porto Alegre: Penso Editora, Lda.
- Denny, G., Luquis, R., Young, M., & Young, T. (2000). Sexual satisfaction among married women. *American journal of health studies* 16(2), 73-84.

- Diniz Neto, O., & Feres-Carneiro, T. (2005). *Psicoterapia de casal na pós-modernidade: Rupturas e possibilidades. Estudos de Psicologia*, 22(2), 133-141.
- Donnellan, M., Conger, R., & Bryant, C. (2004). *The big five and enduring marriages. Journal of Research in Personality*, 38, 481-504
- Fallis, E. E., Purdon, C., Rehman, U. S., & Woody, E. Z. (2016). The longitudinal association of relationship satisfaction and sexual satisfaction in long-term relationships. *Journal of Family Psychology* 30(7), 822-831. <http://doi.org/10.1037/fam0000205>
- Frisén, A., & Holmqvist, K. (2010). What characterizes early adolescents with a positive body image? A qualitative investigation of Swedish girls and boys. *Body Image*, 7(3), 205–212. <http://doi.org/10.1016/j.bodyim.2010.04.001>
- Fonseca, S., & Duarte, C. (2014). Do Namoro ao Casamento: Significados, Expectativas, Conflito e Amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 135-143. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000200002>
- Gardner, R. M. (2011). Perceptual measures of body image for adolescents and adults. In T. F. Cash & L. Smolak (Eds.), *Body image: A handbook of science, practice, and prevention* (pp. 146–153). The Guilford Press.
- Gottman, J. M., & Silver, N. (2001). *Os sete princípios do casamento*. Cascais: Editora Pergaminho.
- Graham, J. M. , Diebels, K. J., & Barnow, Z. B. (2011). *The reliability of relationship satisfaction: A reliability generalization meta-analysis. Journal of Family Psychology*, 25(1), 39–48. doi:10.1037/a0022441
- Grogan, S. (2016). *Body image: Understanding body dissatisfaction in men, women and children*. New York: Routledge, 2016.
- Guttmann, J. & Lazar, A. (2004). Criteria for marital satisfaction: does having a child make a difference? *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 22(3), 147- 155. <http://doi.org/10.1080/026468304 10001723733>
- Heidari, M., Shahbazi, S., Ghafourifard, M. & Sheikhi, R. A. (2017). Prediction of marital satisfaction based on emotional intelligence in postmenopausal women. *Journal of Menopausal Medicine*, 23(3), 196-201. <http://doi.org/10.6118/jmm.2017.23.3.196>.
- Heiman, J. R., Long, J. S., Smith, S. N., Fisher, W. A., Sand, M. S., & Rosen, R. C. (2011). Sexual satisfaction and relationship happiness in midlife and older couples in five

- countries. *Archives of Sexual Behavior*, 40(4), 741–753. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9703-3>
- Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: ciência e profissão*, 23(1), 58-69. <http://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100009>.
- Hohmann-Marriott, B. E. (2006). *Shared Beliefs and the Union Stability of Married and Cohabiting Couples*. *Journal of Marriage and Family*, 68(4), 1015–1028.
- Impett, E. A., Muise, A., & Schimmack, U. (2016). Sexual frequency predicts greater well-being, but more is not always better. *Social Psychological and Personality Science*, 7(4), 295-302. <http://doi.org/10.1177/1948550615616462>
- Jares, X. R. (2002). *Educação e conflito: Guia de educação para a convivência*. Porto: Edições ASA.
- Juvva, S. & Bhatti, R. S. (2006). Epigenetic model of marital expectations. *Contemporary Family Therapy*, 28(1), 61-72.
- Kwang, T., & Swann, W. B. (2010). Do people embrace praise even when they feel unworthy? A review of critical tests of selfenhancement versus self-verification. *Personality and Social Psychology Review*, 14(3), 263–280.
- Lawrence, E., Rothman, A., Cobb, R.J., & Bradbury, T.N. (2009). Marital satisfaction across the transition to parenthood: Three eras of research. In R. Parke, M. Schulz, M. Kline Pruett, & P. Kerig (Eds.), *Feathering the nest: Couple relationships and interventions that promote healthy child development* (pp. 97-114). APA: Washington, DC. <http://doi.org/10.1037/12058-007>
- Lee, C. E. (2016). *Body image and relationship satisfaction among couples: The role of perceived partner appearance evaluations and sexual satisfaction* (Doctoral Thesis, University of Windsor). Retrieved from <https://scholar.uwindsor.ca/etd/5836/>
- Li, T., & Fung, H. H. (2011). The dynamic goal theory of marital satisfaction. *Review of General Psychology*, 15(3), 246-254. <http://doi.org/10.1037/a0024694>
- Lima, M. P. (2003). Sentir e pensar a sexualidade. in Sá, E.(Coord.) *Quero-te*. Psicologia da Sexualidade, Coimbra, Quarteto, pp. 109-115.
- Litzinger, S., & Gordon, K. C. (2005). Exploring relationships among communication, sexual satisfaction, and marital satisfaction. *Journal of sex & marital therapy*, 31(5), 409-424. <http://doi.org/10.1080/00926230591006719>

- Luz, S. K., & Mosmann, C. P. (2018). Funcionalidade e comunicação conjugal em diferentes etapas do ciclo de vida. *Revista da SPAGESP*, 19(1), 21-34.
- Margraf, J., & Velten, J. (2017). Satisfaction guaranteed? How individual, partner, and relationship factors impact sexual satisfaction within partnerships. *PLOS ONE*, 12(2), 1-17. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0172855>
- Mark, K. P. (2012). The relative impact of individual sexual desire and couple desire discrepancy on satisfaction in heterosexual couples. *Sexual and Relationship Therapy*, 27(2), 133–146. <http://doi.org/10.1080/14681994.2012.678825>
- McCabe, M. P., & Ricciardelli, L. A. (2003). Sociocultural influences on body image and body changes among adolescent boys and girls. *The Journal of social psychology*, 143(1), 5-26. <http://doi.org/10.1080/00224540309598428>
- McNulty, K., & Meltzer, L. (2010). Body image and marital satisfaction: Evidence for the mediating role of sexual frequency and sexual satisfaction. *Journal Of Family Psychology*, 24(2), 156-164. <http://doi.org/10.1037/a0019063>
- McNulty, J. K., Wenner, C. A., & Fisher, T. D. (2016). Longitudinal associations among relationship satisfaction, sexual satisfaction, and frequency of sex in early marriage. *Archives of Sexual Behavior*, 45, 85–97. <http://doi.org/10.1007/s10508-014-0444-6>
- Metz, M. & McCarthy, B. (2007). The “Good-enough sex” model for couple sexual satisfaction. *Sexual and Relationship Therapy*, 22 (3), 351-362
- Mosmann, C., Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16. Retrieved from <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v12n2/v12n2a02.pdf>
- Mosmann, C., Wagner, A., Zordan, E. (2011). A qualidade conjugal como fator de proteção do ambiente familiar. In A. Wagner (Org.). *Desafios psicossociais da família contemporânea* (pp. 58-71). Porto Alegre, RS: Artmed
- Morrison, K. R., Doss, B. D., & Perez, M. (2009). Body image and disordered eating in romantic relationships. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 28(3), 281–306. <https://doi.org/10.1521/jscp.2009.28.3.281>
- Muise, A., Schimmack, U., & Impett, E. A. (2015). *Sexual Frequency Predicts Greater Well-Being, But More is Not Always Better*. *Social Psychological and Personality Science*, 7(4), 295–302.

- Neto, F. (2012). The satisfaction with sex life scale. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 45(1), 18-31. <http://doi.org/10.1177/0748175611422898>
- Norgren, M., Souza, M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos De Psicologia*, 9(3), 575-584. doi:10.1590/S1413-294X2004000300020.
- Pascoal, P. M., Narciso, I., & Pereira, N. M. (2013). Emotional intimacy is the best predictor of sexual satisfaction of men and women with sexual arousal problems. *International Journal of Impotence Research*, 25(2), 51–55. doi:10.1038/ijir.2012.38
- Pascoal, P. M., Narciso, I. de S. B., & Pereira, N. M. (2013). *What is Sexual Satisfaction? Thematic Analysis of Lay People's Definitions. The Journal of Sex Research*, 51(1), 22–30.
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research & evaluation methods* (3ª Ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Rosen, N. O., Bailey, K., & Muise, A. (2017). *Degree and Direction of Sexual Desire Discrepancy are Linked to Sexual and Relationship Satisfaction in Couples Transitioning to Parenthood. The Journal of Sex Research*, 55(2), 214–225.
- Sánchez, C. M. (2011). Relación entre concordancia de valores y satisfacción marital en parejas de nivel socioeconómico bajo. *Psykhé*, 12(1), 161-175. <http://doi.org/10.7764/PSYKHE.12.1.343>
- Sánchez-Fuentes, M. M., Santos-Iglesias, P., & Sierra, J. C. (2014). A systematic review of sexual satisfaction. *International Journal of Clinical and Health Psychology* 14(1), 67-75. [http://doi.org/10.1016/S1697-2600\(14\)70038-9](http://doi.org/10.1016/S1697-2600(14)70038-9)
- Secchi, K. B., Camargo, B. V., & Bertoldo, R. (2009). Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 25(2), 229-236. <http://doi.org/10.1590/S0102-37722009000200011>
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos (2011). Ajustamento diádico e satisfação conjugal: correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 467-475.
- Silva, D., & Pereira, C. (2005). O papel da consciência ideal-percepção no bem-estar subjectivo em relacionamentos íntimos. *Revista Psico*, 2(36), pp. 181-188.

- Smith, A., Lyons, A., Ferris, J., Richters, J., Pitts, M., Shelley, J., & Simpson, J. M. (2011). Sexual and relationship satisfaction among heterosexual men and women: The importance of desired frequency of sex. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37, 104-115. <http://doi.org/10.1080/0092623X.2011.560531>
- Stice, E., & Whitenton, K. (2002). Risk factors for body dissatisfaction in adolescent girls: A longitudinal investigation. *Developmental psychology*, 38(5), 669-678. <http://doi.org/10.1037//0012-1649.38.5.669>
- Vilelas, J. (2017). *Investigação: O processo de construção do conhecimento* (2ª ed). Lisboa: Edições sílabo.
- World Health Organization. (2010). *Measuring sexual health: Conceptual and practical considerations and related indicators*. Switzerland: Geneva. Retrieved from https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/70434/who_rhr_10.12_eng.pdf;jsessionid=F51219CCD842EB352F45957735A8A1DD?sequence=1

Anexo I - Guião da Entrevista Semiestruturada

Esta entrevista está inserida numa Dissertação, realizada no âmbito de Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. O principal objetivo é estudar alguns aspetos determinantes numa relação conjugal e que influenciam a forma de vivenciar a mesma. Para tal, gostaria de pedir a sua colaboração, sendo que toda a informação é confidencial e anónima, podendo desistir da sua participação a qualquer momento.

1. Como descreve/carateriza a sua relação?
2. A vossa relação corresponde às suas expetativas iniciais, ou àquilo que desejava para ela? Em que medida?
3. Quais as áreas da sua vida de casal que mais valoriza? O que o/a faz sentir mais satisfeito/a na sua relação?
4. Pensa que valoriza diferentes áreas/aspetos da relação, em comparação ao seu cônjuge? Considera que ambos têm a mesma forma de estar na relação?
5. (Se sim na anterior) Esta diferença de perspetivas e forma de estar na relação, influencia a sua satisfação na mesma?
6. Quais os aspetos que considera interferirem positiva e negativamente na sua satisfação na relação? Na sua opinião, são os mesmos para ambos?
7. Que caraterísticas aprecia mais no/a seu/sua parceiro/a? E ao contrário, o que acha que ele/a gosta mais em si?
8. Sente que a sua satisfação na relação se alterou ao longo do tempo? Como? Por que acha que isso aconteceu?
9. Considera que, ao longo da relação, os aspetos que valoriza foram-se alterando? Passou a valorizar aspetos diferentes? Quais? E o/a seu/sua parceiro/a?

10. Existe uma boa comunicação entre si e o/a seu/sua parceiro/a? Para si, este é um fator importante na satisfação na relação em geral? Porquê?

11. Sente que o corpo é algo importante na sua relação? Como, a que nível? De que forma justifica isso? (ou seja, porquê?)

12. (Se sim na anterior) E este aspeto, variou ao longo do tempo? De que forma? Porquê?

13. Como é que se sente em relação ao seu corpo? Considera que o/a seu/sua conjuge o/a percebe da mesma forma? E este último aspeto, influencia a forma como se vê a si próprio/a?

14. A forma como se sente com o seu corpo alguma vez interferiu na sua relação? Em que aspetos? (ex.: evitar ser tocado/a ou visto/a sem roupa; evitar afetos; reações de ciúmes) Esta é uma questão que o/a preocupa?

15. Considera que a imagem corporal igual importância para ambos, na relação? Acha que ambos lhe atribuem o mesmo significado?

16. E a forma como sente que o/a seu/sua parceiro/a o/a vê e deseja fisicamente, influencia a sua forma de estar na relação? De que forma?

17. Esta questão de como o outro o/a percebe, influencia a forma como vive a vossa sexualidade? Como?

18. O que representa a sexualidade no seu relacionamento? Considera este um fator determinante para a sua satisfação na mesma? E do/da seu/sua parceiro/a?

19. Quais os fatores que considera interferirem na vossa satisfação sexual? Há diferença entre o que ambos valorizam nesta área?

20. (Se sim na anterior) Sente que isso influencia a forma como o outro vive a sexualidade na relação? Como?

21. E quais os fatores da sexualidade que interferem de forma negativa na vossa relação?

22. E a este nível, considera haver uma boa comunicação? Isto é um fator importante, na sua perspetiva? Porquê?

23. Há alguma outra questão que considera importante em algum dos domínios abordados?

Anexo II - Declaração de Consentimento Informado

Inserido no Mestrado Integrado em Psicologia, desenvolvido na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, está a ser realizado o presente estudo, no âmbito da conjugalidade.

Para a realização deste estudo, solicita-se a gravação áudio da entrevista, garantindo-se a sua confidencialidade e anonimato. A pessoa a participar pode desistir do mesmo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo pessoal.

Agradeço, desde já, a sua atenção e disponibilidade em colaborar.

Eu, _____
_____ aceito colaborar no estudo acima mencionado e autorizo a utilização dos meus dados e gravação áudio da entrevista, uma vez garantida a confidencialidade e anonimato dos mesmos.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura do participante:

Assinatura do/a investigador/a responsável:
